

— Tinha-lhe dito que era preciso ver.

Que pelo meio-dia o silêncio que se faz sobre Atenas é tal... com o calor que cresce...

A cidade esvazia-se à hora da sesta, tudo fecha como à noite...

...que era preciso assistir à ascensão do silêncio...

Lembro-me, eu disse-lhe: pouco a pouco perguntamos o que está a acontecer, esse desaparecimento do som com a ascensão do sol...

É então que esse medo chega. Não o da noite, mas como que um medo da noite na claridade. O silêncio da noite em pleno sol. O sol no zénite e o silêncio da noite. O silêncio no centro do céu e o silêncio da noite.

Quando os outros chegaram, por volta das duas horas da tarde, voltámos a descer para a cidade, Atenas, e depois não aconteceu mais nada.

Nada.

Nada a não ser sempre, em toda a parte, esta falta de amar.

— No Museu Cívico de Atenas, no dia seguinte à tarde...

— Ah sim... é verdade... tinha-me esquecido... veja como nós somos...

... e depois falei-lhe da *outra história*, da das outras pessoas...

— *É um sábado. A noite. Na Primavera.*

É quase o começo do Verão. No mês de Junho.

Ele, o homem da história, trabalha.

Está a fazer uma permanência num serviço de telecomunicações.

Aborrece-se.

Paris vazia. A Primavera. Um sábado. Ele tem vinte e cinco anos. Só.

Tem certos números de ligação do abismo telefónico. Marca-os. Dois números. Três números.

— *E depois, aqui está.*

Aqui está ela.

Estamos em 1973.

Ele tinha um diário nessa época da sua vida e diz que registou muitas coisas. Mas que depois, não. Que parou. Que parou pouco depois de ela ter começado, por seu turno, a história, a história de amor.

*História sem imagens.
História de imagens negras.*

Ei-la que começa.

*Ela telefona-lhe ao mesmo tempo que ele no espaço e
no tempo.*

Falam-se.

Falam.

*— Descrevem-se. Ela diz que é uma mulher jovem
com os cabelos negros. Compridos.*

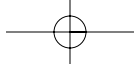
*— Ele diz que é um homem também jovem, louro, com
os olhos muito azuis, alto, quase magro, bonito.*

*— Ela fala-lhe do que faz. Primeiro diz que trabalha
numa fábrica. Uma outra vez diz que regressou da Chi-
na. Conta-lhe uma viagem à China.*

*— Uma outra vez ainda diz que está a estudar medi-
cina, isso em vista de se alistar no corpo dos Médicos
sem Fronteiras.*

*— Dir-se-ia que posteriormente manteve esta última
versão. Que não mudou mais. Que nunca mais disse ou-
tra coisa senão isso: que estava a acabar medicina, a fa-
zer o internato num hospital de Paris.*

*— Ele diz que ela fala muito bem. Com facilidade.
Que não se pode evitar escutá-la.*



Acreditar nela.

— *Dá-lhe o seu número de telefone. Ela não lhe dá o dela.*

— *Não, ela, não.*

— *Passa-se um mês.*

É durante esses dias que ela se nomeia. Que lhe dá para ele poder chamar-lho um primeiro nome que começa pela letra F.

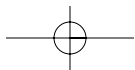
— *Ele diz que ela tem uma voz que se gosta de ouvir. Muito fascinante, diz ele.*

— *Falam-se. Incansavelmente.
Falam.*

— *Descrevem-se sem fim. Um e outro. Um ao outro. Dizendo a cor dos olhos. O grão da pele. A doçura do seio que cabe na mão. A doçura dessa mão. No próprio momento em que fala dela, ela está a olhá-la. Eu olho-me com os teus olhos.*

— *Ele diz que está a ver.
Descreve-se, a si, por seu turno.*

Diz que está a seguir a sua própria mão sobre o seu próprio corpo.



Diz: é a primeira vez. Diz o prazer de estar só, que aquilo proporciona. Poisa o telefone no coração. Ela ouve-o?

— Ela ouve.

— Ele diz que todo o seu corpo bate do mesmo modo ao som da sua voz.

— Ela diz que sabe. Que o está a ver. Que o ouve, com os olhos fechados.

— Ele diz: eu era um outro para mim próprio e ignorava-o.

— Ela diz que antes dele não sabia que era desejável para um desejo dela própria que ela própria podia partilhar.

E que isso faz medo.

— A história aconteceu?

— Há alguém que diz tê-la vivido na realidade, sim.

E depois foi contada por outros.

E depois foi redigida.

Escrita.